



FILAMENTOS

ARTES E LETRAS NA
DIÁSPORA AÇORIANA

ARTS AND LETTERS IN
THE AZOREAN DIASPORA

QUARTA EDIÇÃO

JULHO 2023

CONTENTS

- 3 EM POUCAS PALAVRAS
- 4 CODY CAETANO
- 7 CAT'S IN THE CRADLE
- 9 A ESCRAVA AÇORIANA
- 16 POESIA REUNIDA DE ÁLAMO OLIVEIRA
- 17 ROGÉRIO SILVA

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR: DINIZ BORGES

EDITORIAL BOARD: LINDA CARVALHO-COOLEY; EUGÉNIA FERNANDES, EMILIANA SILVA AND MICHAEL DEMATTOS

ADVISORY BOARD: ONÉSIMO ALMEIDA, DUARTE SILVA, TERESA MARTINS MARQUES, RENATO ALVIM, DEBBIE ÁVLA, MANUEL COSTA FONTES, VAMBERTO FREITAS, IRENE M. F. BLYER AND LÉLIA PEREIRA NUNES

DESIGNER: HUMBERTO VENTURA - WWW.ILLUSTRATETHEWEB.COM



EM POUCAS IN A FEW PALAVRAS... WORDS...

Diniz Borges

A criatividade literária nos Açores é espantosa, como também o é na nossa Diáspora. Esta edição da revista Filamentos mostra-nos, claramente, a importância de um diálogo cultural entre estas duas partes de um só mundo. Os Açores são mais Açores com a sua Diáspora. Pode ser cliché, mas é verdade. Essa presença nota-se na cultura popular, assim como na criatividade literária, nas artes plásticas e na música. Daí a necessidade das traduções literárias, de uma renovada aposta na divulgação das obras literárias já traduzidas e publicadas no continente norte-americano, assim como um novo paradigma que faça com que a nova criatividade açoriana tenha o seu espaço na nossa Diáspora espalhada, como se sabe, pelos Estados Unidos e o Canadá. Há um trabalho a fazer-se em ambos os lados do atlântico para que a criatividade açoriana chegue a todos os cantos da nossa Diáspora e a criatividade da nossa Diáspora tenha eco no arquipélago.

Nesse trabalho, nessa nova forma de se sentir a universalidade açoriana, há uma homenagem a fazer-se ao Sr. Ernesto Resendes, e toda a sua equipa na editora Letras Lavadas que compreende a necessidade desta aproximação, e de ou em português, ou em inglês chegar-se às novas gerações e a todos quantos passam pelos Açores. Bem-haja!

The literary creativity in the Azores is

impressive, as it is in our Diaspora. This edition of Filamentos clearly shows us the importance of a cultural dialogue between these two parts of a single world. The Azores are much more Azores with their Diaspora. It may be a cliché, but it is true. This presence can be seen in popular culture, as well as in literary creativity, the arts, and music. Hence the need for literary translations and a renewed focus on the dissemination of literary works that have already been translated and published in the North American continent, as well as a new paradigm to make sure that the unique Azorean creativity has its space in our Diaspora, spread, as we know, throughout the United States and Canada. There is plenty of work to be done on both sides of the Atlantic for the Azorean creativity to reach all corners of our Diaspora and for the creativity of our Diaspora to have an echo in the archipelago. In this work, in this



FOTO DE DINIZ BORGES

new way of feeling Azorean universality, a humble but heartfelt tribute must be given to Mr. Ernesto Resendes and his entire team at the publisher Letras Lavadas, who understand the need for this approach and the continuous work in the publishing world to reach younger generations in the Azorean Diaspora and all those who pass through the Azores and want to know more about the literature and the history of these islands, and it's people throughout the world, be it in Portuguese or in English. Cheers to Letras Lavadas!

CODY CAETANO

UM HALF BAD AÇOR-CANADIANO APRESENTA-SE

Vamberto Freitas

Never let distorted realities that make thriving and itinerary survivalists of us all oust you from joy and imagination and from your story/Nunca deixes que as realidades distorcidas que nos tornam a todos sobreviventes itinerantes e a prosperar te separem da tua felicidade e imaginação e da tua história.

Cody Caetano, *Half Bads in White Regalia*

Half Bads? Como traduzir isto? Uns “meio-maus”? Talvez. De qualquer modo, trata-se de um alegre e perplexo “mau” descritivo de personagens tão singulares na nossa literatura em língua inglesa que suponho só poderiam vir de um autor como Cody Caetano, filho de mãe canadiana indígena da nação Anishnaabe e de pai açor-canadiano e neto de um avô originário de São Miguel, que emigrou para o Canadá nos anos 60. O narrador diz-se metaforicamente vestido de um branco pertencente a uma espécie de realeza, ou dos que sobrevivem a uma família que chamaríamos de “disfuncional”. Basta aqui de aspas. *Half Bads in White Regalia*

vem denominado como sendo um livro de memórias, na capa um menino assim vestido, de pau na mão e rodeado de campos e florestas, nessa outra natureza exuberante do Canadá.

Na verdade, é isso e muito mais, é um romance como ato de não-ficção criativa, que raramente acontece entre nós, uma firme memória que nos fala e que – só podia – inventar diálogos que enriquecem brilhantemente a criação das personagens que o rodeia ou que ele convoca do passado. Estamos nos anos 90 até aos tempos correntes, quando uma mãe de nome Mindimooye descobre quem são os seus pais e irmãos, após terem sido adotados nas décadas a meio do século passado contra a sua vontade, as famílias e crianças indígenas perante os quais aquele país hoje tenta redimir-se com desculpas e indemnizações. O pai do narrador é chamado de O Touro/The Bull, o avô de Velhote, a açorianidade de ambos subentendida através de alguns títulos de capítulos e por outras expressões e passos narrativos que o menino foi absorvendo e reproduzindo durante a sua infância.

É o Cody adulto que recorda os seus anos de menino e jovem, com o que isso implica para a sua memória dos dias e das noites no aconchego instável dos seus pais, vizinhos e amigos. De casa em casa, da vida entre um irmão e uma irmã, de escola em escola, de dias de alguma fome e só a comer o que restava no frigorífico, de um pai as mais das vezes de cerveja na mão e em andanças e abandonos constantes, sempre, no entanto, a trabalhar aqui e ali, a maior parte do tempo ausente por desavenças matrimoniais, uma mãe que se recusa a viver sem o amor de um homem ou dos seus filhos, mas também deixando-os frequentemente à sua sorte – eis a família nas nossas sociedades contemporâneas (muito mais comum do que pensamos) e o triunfo demasiado

humano da sua, uma mais, sobrevivência e eventual felicidade. Cody Caetano é hoje altamente formado em estudos humanistas e escrita criativa, e agente literário ligado à Penguin Random House Canada, tendo escrito este seu livro com a orientação da sua falecida e conhecida mentora, Lee Maracle, da Universidade de Toronto, também ela pertencente a outra nação indígena canadiana. Apresento um pouco de informação biográfica aqui porque entre nós raramente se entende que a grande arte vem de qualquer quadrante humano, por mais escondido que nos parece e supostamente improvável para o nosso mais ou menos persistente eurocentrismo. Eis a natural grandeza literária da bela e muito lusa mestiçagem humana. Cody Caetano, para mim, na vem sequência do nativo norte-americano N. Scott Momaday, em *House Made of Dawn* e *The Ancient Child*, e do também muito premiado açor-nativo americano Michael Garcia Spring, de *Blue Crow* e *inside the sound/dentro do som*, numa tradução de Maria João Marques. É parte desta literatura que também nos define como a nação diaspórica que felizmente somos, é esta uma das mais ricas e belas literaturas dentro ou em volta de uma outra lusofonia que por enquanto nos parece distante.

Half Bads in *White Regalia* prima pelas suas linguagens de rua de uma infância e pela cultura mediática que Marshall McLuhan disse ser a mensagem determinante da nossa e sucessivas gerações, estas criadas por escolas de toda espécie e denominações, e agora por vídeo jogos e o mundo Plasma e música condizente, pela liberdade isolada entre quatro paredes ou em aberto nas ruas, a tal aldeia global. As memórias de Cody Caetano situam-se em pequenas cidades suburbanas da província de Ontario, Happyland e Sunshine City, com Toronto antes e

depois – os nomes geográficos da ironia e contra-ironia como outro detonador toda a significação desta soberba narrativa. Por entre os abalos emocionais de todas as personagens, a palavra resiliência no próprio texto define o resto dos que por tudo passam para acabar em vidas convencionais mas livremente escolhidas, casa adentro e nas suas diversas profissões. Nunca se acusa ou se julga seja quem for, a prosa é uma de descrição simultaneamente próxima e distante, o destino de cada cada personagem sendo o que é, quase nos fazendo lembrar o *nouveau roman* de Alain Robbe-Grillet. “Obrigado – escreve Cody Caetano nas últimas páginas de Agradecimentos a todos que condicionaram a sua vida – ao meu pai. Obrigado por construíres comunidade onde quer que estejas, pela tua entrega à reconciliação, e pelo que me transmites”. Uma família canadiana na luta? Creio que em nada a separa da experiência vivencial dos nossos dias em qualquer grande país metropolitano – ou numa freguesia ou cidade açoriana, o mundo à nossa porta, o passado esse país estrangeiro que permanece nublado, mas mesmo assim permanece. O inglês respingado de expressões lusas.

“Antes de O Touro’s O Touro. Velhote. Conheceu – relembra Cody num capítulo precisamente intitulado “The Bull” – e casou com Avó Maria, era tão só um portuense nativo que sonhou com laranjas melhores para espremer e mudou-se para São Miguel para as encontrar. Mas ele próprio tornou-se azedo e foi desfalecendo no magma das falhas vulcânicas, um refugiado em freguesias e vilas construídas em pedaços de pedra estendidas e esfriadas ao longo de exuberantes fendas na terra, não era a sua ideia de uma vida boa. Porque o Velhote não agarrou a vida pelos cornos.

O Velhote era os próprios cornos.

No verão de 1962 em São Miguel, Avó Maria deu à luz O Touro numa bacia, e depois o gêmeo num quarto de cama. É o que diz O Touro.

Seguiu-se o terceiro bebé um ano depois. No ano seguinte, num dia de oferendas a criados, Avó Maria voou com os seus filhos para Montreal, e depois mudou-se para uma casa em Kingston Market em Toronto. Tiveram o quarto bebé dois anos depois”.

Por certo que algo se perde em qualquer tradução, mas o original está ao alcance de todos com um clique no teclado. De uma língua para outra algo se transforma, mas nunca o sentido do original, o imperativo ético de qualquer leitura. As linguagens de Cody Caetano, como tudo o resto nesta sua prosa, é simultaneamente dura e meiga, a linguagem da memória pura e a poesia da alma generosa, grata para além de todas as tribulações de se estar vivo na modernidade ambígua de todos nós. Este livro foi largamente comentado no Canadá, secções dele premiado por uma associação nativo-canadiana em 2020, Indigenous Voices Award for Unpublished Prose. A tradução no nosso país não seria favor algum, seria antes uma exigência literária de quem sabe muito bem que a portugalidade vai muitíssimo além do retângulo trágico e das suas ilhas distantes e sempre desconhecidas no seu todo. A nossa desatenção é velha, para não utilizar outras palavras menos apropriadas. Cody possivelmente não sabe nada da nossa passividade literária quando se trata de certa temática multicultural, numa contínua e patética auto-negação de quem historicamente somos, de como nos deveríamos assumir sem complexos ou manias nacionais.

Cody Caetano tem como companhia desde há muitos anos outros grandes escritores e escritoras luso-canadianas que escrevem no inglês do seu país natal, e para quem a ancestralidade lusitana é uma constante na sua literatura. Erika de Vasconcelos em *My Darling Dead Ones*, que nos leva à memória de outro Canadá e de terras lisboetas e arredores, e Anthony de Sá, com raízes na Lomba da Mais em São Miguel, outro romancista no ativo, autor, entre outros romances posteriores, de *Barnacle Love*, traduzido com o título de *Terra Nova* para a nossa língua. Há outros possivelmente fora das nossas antenas, mas não para sempre. A antologia literária *Satúrnia: Autores Luso-Canadianos*, de Manuel Carvalho, regista quase tudo o que precisamos de conhecer sobre uma das mais vigorosas literaturas dos nossos descendentes num dos maiores e mais importantes países da nossa navegação – e feito outra pátria ao longe.

Cody Caetano, *Half Bads in White Regalia*, Toronto, Penguin Random House Canada, 2022. Todas as traduções aqui são da minha responsabilidade.



FOTO DE CODY CAETANO

CAT'S IN THE CRADLE

Melinda Medeiros

Don't think I don't remember how you turned the volume up just a bit whenever that song came on. The slightest flick of the knob. I would've missed it had I not been looking. And whether we had been talking or singing or staring out the window in the cab of the 1980s brown Ford delivery van, or the first old diesel delivery truck, or even that last new one before we shut down our egg delivery route— with the shiny wrapping on the back box and the air conditioning and the hydraulic seats — it would grow heavy with silence.

You wouldn't sing, but maybe sometimes you'd hum. You could've had a good singing voice, you told me, but your father said choir was better for girls.

And didn't I see you wipe the corner of your eyes under your sunglasses? And didn't I ask you once why you liked the song—why it made you sad?

And didn't you tell me it reminded you of your own dad? But it wasn't exactly the same story. Your dad wasn't gone long hours at work or on the road. You were there beside him, working through most of your childhood. You, the oldest, the example, the one who should do better and know better— you were right there as the chicken barns were built, as the egg

business expanded, as more properties were bought, as the family business grew into one that didn't just support one family, but several. But also, you were the one that left. The only one that left.

Maybe you didn't get to play catch very much. Not with him, not at school. Not even when the high school football coach came out to your house to ask your dad if you could. You had to work. But at least he'd try to make work fun sometimes, like you did with us. Put some music on, make it a game to see how fast you can finish. Maybe the lines between father-son and boss-employee became too blurred. And maybe that was too much. Too suffocating. Too hard.

I know there was no silver spoon for you. Immigrants don't give their children silver spoons. They pick out the tarnished ones from the trash heaps of American consumerism and say, "In the old country, we didn't even have spoons." But that was the goal, wasn't it? To work so hard that, if not their children, then their children's children could have those silver spoons, that allusive "every opportunity in the world"? Isn't that what was promised?



FOTO DE MELINDA MEDEIROS

So you were part of that striving, that working towards a future where children didn't have to labor on family farms. They could go to school each day fully rested, not smelling like chicken shit. They could play sports after school. They could have hobbies that didn't make money. But you would have to forgo all that. And it wasn't a sacrifice you asked for. But Father knows best, doesn't he? He got us here, didn't he?

And after all the working and sacrificing, we'll all get together then, right? We'll have a good time then.

Father knew that sacrifice and discipline could bring a certain kind of success. He knew that control felt safer than the spinning, sinking feeling of grief. He knew that too well. Maybe he thought if he held on tight enough, he could keep you from that. But maybe it just drove you to pull further away from him.

Don't think that it doesn't break my heart that the song plays in my head each time I say "I've gotta go." Each time I say "Sorry, I can't make it— too much to do." Because the striving has become part of who we are, who I am. It has carved Americans out of the softer shape of our island ancestors. This shape is all I know.

Don't think it doesn't break my heart that we stand on either side of a great chasm. That your life experiences have kept you there and mine have led me here. But you have to know that you helped me get here. That your love launched me from that place, told me to go and find something better.

It doesn't break my heart that I no longer spend Sundays on wooden pews and kneelers. That I don't say "Bless me Father, for I have sinned." It breaks my heart that you wish I did. That you worry

because I don't. That you send up prayers for me to find my way back while I send out prayers for you to find your way.

Bless me father for I have sinned against your religion. I have found God in love, God in forgiveness, God in the earth beneath my feet, God in the eyes of my children—of all children. But I have not found it in your church. You will call this blasphemy, sacrilege. You will yell your words of condemnation and mourning from your side. But only the mourning will reach me.

One day, I will be less busy, or you will be less worried. We will look into the cradle and realize it's not the cat that's there, but the American Dream. We will see the emptiness, and we will reach across the divide. We will release our mourning.

I don't when, but we'll get together then. You know we'll have a good time then.

STORMY WEATHER IN THE ATLANTIC: A ESCRAVA AÇORIANA AND MARGARIDA IN MAU TEMPO NO CANAL

Rosa Maria Neves Simas

ABSTRACT

This paper presents a comparative feminist analysis of the heroines of two key novels of the Azores: Margarida in Vitorino Nemésio's *Mau Tempo no Canal* (literally, "Stormy Weather in the Channel," Stormy Isles in a 2019 translation) published in 1944, and Rosário, *A Escrava Açoriana* ("The Azorean Female Slave") published in 2022 by Pedro Almeida Maia. These are two impressive literary heroines who reflect the social reality of women at the time: Margarida, enclosed within the central islands of Pico, Faial, and São Jorge from 1917 to 1919, and Rosário, who emigrated from São Miguel to Brazil, and then returned, between 1873 and 1925. Both yearn to escape the enclosure island life represents for women, but in different ways and with differing results. Both deal with amorous expectations and relationships that end up being secondary to the main narrative but confront different situations and have different reactions. Both embark on trips and voyages that shape their personalities and lives, but the dimensions and trajectories differ greatly.

The main difference, however, is grounded in geography, in where they go and how they deal with island reality and the existential "mau tempo" (malaise) that overwhelms them: Margarida Clark Dulmo in her crossings of the Faial-Pico Channel in the early 20th century, and Rosário de Santa Clara, who crosses the Atlantic Ocean and emigrates to Brazil, where she will be made a white slave, and subsequently returns to São Miguel, from the last quarter of the 19th century to the first quarter of the 20th century.

Mau Tempo no Atlântico:

A Escrava Açoriana e Margarida em Mau Tempo no Canal

Neste artigo apresento uma análise comparativa e feminista das heroínas de dois romances basilares dos Açores: Margarida no *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio, publicado em 1944, e Rosário, *A Escrava Açoriana* de Pedro Almeida Maia, de 2022. São personagens femininas marcantes que espelham a realidade social da mulher no seu tempo: Margarida, sitiada nas ilhas centrais do Pico, Faial e São Jorge entre 1917 e 1919, e Rosário, emigrada de São Miguel para o Brasil, e depois de volta, entre 1873 e 1925. Ambas anseiam fugir ao cerco que a vivência insular representa, especialmente para as mulheres, mas actuam de formas divergentes e com resultados muito diferentes. Ambas lidam com expectativas e ligações amorosas, que acabam por ser secundárias à trama narrativa principal, mas enfrentam situações diversas e reagem de formas díspares.

Ambas empreendem deslocações e viagens que moldam as suas personalidades e vidas, mas com dimensões divergentes e trajetórias distintas. Mas a principal diferença advém da geografia, de como se relacionam com a ilha e onde as leva o "mau tempo" existencial que a ambas

a assola: Margarida Clark Dulmo, no contexto das travessias no Canal Faial-Pico no início do século XX, e Rosário de Santa Clara, no contexto da travessia do Oceano Atlântico e emigração para o Brasil, onde será feita escrava branca, e do subsequente regresso à ilha, no último quartel do século XIX e o primeiro do século XX.

PREAMBLE

Coincidentally – or not; who knows? – I immigrated with my parents, from Pico to California, in April of 1953, one month before the journey of the pioneers to Canada evoked last month in the Filaments of the Atlantic Heritage, and now, 70 years after. I don't remember our journey since I was 2 years old at the time, but I do know that it was a giant leap into the void, just as it was for those immigrants who arrived in Canada that year.

Immigrating at that time was, without a doubt, a huge leap into the void, like going to the moon. Unlike today, we had no information about where we were going. We couldn't phone, much less communicate online. Letters travelled by boat and took more than a month to arrive. Few airplanes flew over the vast Atlantic or over the immense North American continent, much less between the islands. And perhaps the most painful of all – we had no idea if we would ever return.

But it was that leap into the void of 1953 that took me to California, where I grew up and studied and was blessed with the opportunity of waking up to the grand issues and movements of the 1960s and 70s, especially, in this context, to the Women's Movement. It was because of all this that, after I returned to live in the islands and teach at the University

of the Azores, in 2001 I organized the 1st Conference Women in the Azores and the Immigrant Communities and, during the next two years, compiled and translated the 60 texts in the 4 volumes of the bilingual anthology of the same name, ready in 2003. I started out to make one book but ended up with four in 2003 and two more in 2008 with 60 articles focused on the topic of Women and Work.

Now, two decades later, I must confess that I have mixed feelings: I feel great happiness that gender studies and women's studies have become part of many noteworthy initiatives, such as this one, spontaneously and naturally. But the fact that it's still necessary to focus on women's issues means that much more remains to be done before we reach an acceptable, sustainable level of equality. This leaves me apprehensive since the idealism of youth made me think, during those bygone years, that we would succeed. Now I realize that the struggle goes on and that, as Susan Gubar has written: "Our job is not yet done." This is why we have been here now and will most likely continue in the future, and that's as it should be. Carrying on with our job here, it's now my turn to present a comparative feminist analysis focused on two outstanding novels of Azorean literature: *Mau Tempo no Canal* and *A Escrava Açoriana*.

COMPARATIVE STUDY

This is a comparative feminist analysis of the two main characters recreated within the pages of two key novels of the Azores. Presented here on a first-name basis, these two pivotal female characters have common first names in Portuguese, each related to a flower. One is called Margarida, a name derived from the Latin word for "pearl" that is used today to refer to the flower "daisy." The other is named

Rosário, from the Latin word *rosarium*, literally “a field of roses,” a word that now refers to “rosary beads” used for praying by the faithful, including Rosário, herself in the novel.

Created by the iconic Azorean writer, Vitorino Nemésio (1901-1978), *Margarida* appeared in 1944, when Nemésio was 43, in the novel *Mau Tempo no Canal*, considered by critics at the time one of the great, if not the great, Portuguese novel of the 20th century. The setting is the Central Group of islands, especially Pico and Faial (separated by the Channel referred to in the title) in the early 20th century – from 1917 to 1919 – a time of social decline for the aristocracy in conflict with the rising bourgeois class, and of multiple constraints for women within a traditional patriarchal society.

Rosário, in turn, showed up only last year – in June of 2022 – within the novel *A Escrava Açoriana* (literally *The Azorean Female Slave*), already considered (and rightly so, in my opinion) the best novel written by an Azorean in the 21st century. Coincidentally, like Nemésio, the author Pedro Almeida Maia (born in 1979) was also 43 when this impressive novel came out a year ago. Spanning just over 50 years of the turn-of-the-century period, from 1873 to 1925, this novel takes us from the backward island of São Miguel to post-colonial Brazil, and back to São Miguel, treating the reader to a wealth of socio-cultural references and lively recreations of the many changes that impacted this period of Azorean history and immigration.

Yet, similarities abound when it comes to the existential “*mau tempo*” (malaise) and frustration experienced by two female characters who feel trapped by the multiple constraints imposed on women

by the traditional, patriarchal, and insular mentality at the base of Azorean society and reality. Crafted by male authors, both *Margarida* and *Rosário* hanker to break free of the restraints and limitations they feel as women, although they come from very different social strata. *Margarida* is the descendant of the aristocratic class of Faial Island, with distinguished ties to the early nobility of the islands. Rosário, in contrast, is the daughter of a woman forced into prostitution to survive and endure the extreme poverty that plagued many on the islands, especially in São Miguel.

Despite this huge social gap, then, both dream of escaping and ponder ways of running away from their respective situations. As young healthy women, both consider the possibilities posed by a love interest, but their amorous expectations and relationships end up being, for all intents and purposes, secondary in nature and purpose. Indeed, while they may be briefly smitten with thoughts of romantic love, both reach the conclusion that romance takes a back seat to the demands of everyday life.

Nemésio’s novel begins on a stormy evening with *Margarida* being courted by João Garcia, the young son of a local merchant who is her father’s arch enemy. When her father catches them, he takes her inside and beats her. After, the third-person narrative voice, always privy to *Margarida*’s thoughts, registers her indignation thus: “In a land where inheritances and business transactions prevail, what’s a girl worth?... I’m like a piece of property up for grabs... expected to stay home, waiting quietly, atop the bed frame... This life follows the farmer’s cycle: till the soil, sow and then harvest” (175). (All translations are mine.) Despite her frustration and resentment, however,

Margarida ends up giving in to the pressure to rehabilitate her father's social standing by marrying André Barreto, the son of the Baron of Urzelina. Before, she had considered immigrating to England, where her Uncle Robert was living, but when she hears that this beloved Tio has died from the plague, we read that she was crushed and cried as if she were a widow (316).

Rosário is also disappointed by love. Almeida Maia's novel opens as she is trying to elude two men who are after her for snatching a chicken they say is theirs. Insisting that the chicken was roaming around and has no owner, she manages to give it to the landlord to reduce the rent her mother owes, but the two men continue in pursuit until she reaches the port and jumps into the ocean, only to be saved by Josué, the son of the landowner for whom her stepfather works. After a fleeting kiss in public, unheard of at the time, Josué realizes that Rosário is planning to immigrate with her mother to Brazil and promises to follow her one day. For a variety of reasons, that day never comes, of course. After seven grueling years of slavery in Brazil, Rosário manages to return to São Miguel and does have a daughter with Josué, a good man who had never forgotten her, but the horrible trials and tribulations she experienced as a slave in Brazil, a harsh reality of the history of Azorean immigration that is seldom talked about, had changed her forever.

When all is said and done, however, the greatest difference between these two extraordinary female characters has to do with how their respective dreams and plans to immigrate play out. When Margarida decides that going to England is the best way out, the narrator compares the resolve and vigor she feels to that of

the araucária, a tall evergreen tree with a massive stem common to the islands: "An unknown force lifted her up like the araucaria in the yard, unshakable, full of those green tentacles that enclosed the somber house" (178), a metaphor representing the vigorous cyclical force of nature strangling the linear inheritance basic to the patriarchal dynamic, represented by the family home. In the end, however, Margarida stays within the confines of the islands and, unlike so many Azoreans, never immigrates. Symbolizing the burial of what was a dream, she throws her precious gold serpent ring into the ocean, as she sails to Terceira, newly wed to André Barreto.

Rosário, in contrast, does immigrate, which makes all the difference. Her experience in Brazil is horrendous. She is bought and sold; she is robbed and left homeless; she is abused and forced into prostitution. But as she struggles to survive, she grows as a person; she learns to be irreverent, to laugh in the face of adversity, and to question the status quo. As if mirroring this playful stance of his protagonist, especially after her immigrant experience, Almeida Maia weaves historical facts and situations into the narrative, with humor and irreverence. Back on the island, for instance, she attends the visit of Alberto, the last king of Portugal, to São Miguel in 1901, and, like the female rebel of the time, Alice Moderno, takes the opportunity to shout: "Down with the Monarchy!" (188), while at various times the narrator comments on "the never-ending construction" of the Port of Ponta Delgada: "There were those who visited the city while still single, returned married and later widowed, and the construction was still on-going" (213). The examples are many. All in all, Rosário's free spirit and irreverence along with that of the narrator, lend humor and

Rosário, from the Latin word *rosarium*, literally “a field of roses,” a word that now refers to “rosary beads” used for praying by the faithful, including Rosário, herself in the novel.

Created by the iconic Azorean writer, Vitorino Nemésio (1901-1978), Margarida appeared in 1944, when Nemésio was 43, in the novel *Mau Tempo no Canal*, considered by critics at the time one of the great, if not the great, Portuguese novel of the 20th century. The setting is the Central Group of islands, especially Pico and Faial (separated by the Channel referred to in the title) in the early 20th century – from 1917 to 1919 – a time of social decline for the aristocracy in conflict with the rising bourgeois class, and of multiple constraints for women within a traditional patriarchal society.

Rosário, in turn, showed up only last year – in June of 2022 – within the novel *A Escrava Açoriana* (literally *The Azorean Female Slave*), already considered (and rightly so, in my opinion) the best novel written by an Azorean in the 21st century. Coincidentally, like Nemésio, the author Pedro Almeida Maia (born in 1979) was also 43 when this impressive novel came out a year ago. Spanning just over 50 years of the turn-of-the-century period, from 1873 to 1925, this novel takes us from the backward island of São Miguel to post-colonial Brazil, and back to São Miguel, treating the reader to a wealth of socio-cultural references and lively recreations of the many changes that impacted this period of Azorean history and immigration.

Yet, similarities abound when it comes to the existential “*mau tempo*” (malaise) and frustration experienced by two female characters who feel trapped by the multiple constraints imposed on women

vitality to the novel, while her spontaneity and individuality make her endearing and unforgettable, a unique Azorean woman and immigrant.

Only as the novel is winding down (on page 195 of a 220-page novel) do we learn the identity of this special narrator, who slips from the third to the first-person, a stroke of narrative genius that Almeida Maia handles masterfully. Although knowing who is telling the story will only make reading *A Escrava Açoriana* that much more pleasurable and will most probably prompt a second read, I think it best to keep this identity a secret. Suffice it to say that the narrative voice developed by Almeida Maia creates a temporal dynamic and generational perspective that, together, give depth and great warmth to the story being told.

To wrap up, this comparative analysis has taken us from Nemésio’s *Mau Tempo no Canal* and Margarida’s malaise in the Channel, where she remains enclosed within insular reality and the traditional Azorean mindset, to Almeida Maia’s *Escrava Açoriana*, whose malaise in the Atlantic brought on by immigration takes her to 19th century Brazil, where she is crushed and enslaved but is able to survive, “delineate a plan to escape (161), overcome “the pain – the divine sign for change” (164), and become “a new woman” (169). Indeed, only by crossing the mighty Atlantic and confronting the challenges of immigration, made immeasurably more harrowing by the horrendous experience of slavery, is Rosário able to return to Ponta Delgada to live, not in Santa Clara, where she was born and lived before, but in Calheta Pero Teve, the birthplace of Ponta Delgada, where she could “enjoy the only houses on the city’s waterfront that didn’t have their backs turned to the Atlantic” (172). And more, only after leaving

the islands and being battered by life outside the Azores, is she able to return and see the islands as never before: “In the end Brazil had given her nothing but disappointment, bad company, and brutal whippings. A big lesson. Now she was able to see the island in another way, as never before: from the outside” (164).

To leave or return? That is the Azorean question for all times, the grand dilemma of being Azorean that is basic to the concept of Azoreanness coined by Nemésio himself, in 1932, as he wrote from Coimbra for the *Ponta Delgada* review *Insulana*: “Someday, when I’m able to close myself within the walls of my Terceira house... I’ll try to write an essay about my Azoreannes, which is honed and exacerbated by my being in exile,” living away from the islands. Or as the scholar António Machado Pires put it: “Azoreanness is the soul we take with us when we immigrate, and also what is expected from each of us when we live outside the islands” (31).

A tour de force within Azorean literature and the history of Azorean immigration, *A Escrava Açoriana* opens with a key word: *açorar* – to feel great desire – a verb that, as it echoes the very name of the Azores, is linked to the verb *partir* (to leave): “Açorada por partir, avid to abandon the island” (13) writes Almeida Maia, giving us a first description of Rosário that is, at the same time, a succinct definition of the driving force behind Azoreanness. He returns to the same verb midway, when Rosário is in Brazil, “Açorada to abandon that place” (157), and in the Epilogue, when Rosário’s daughter describes yet another departure: “Açorada por partir, my daughter sat on the trunk filled with memories, next to her grandfather... Both prepared for what God had destined for us” (219), a recreation in words of the

emblematic scene in the painting “Os Emigrantes” by Domingos Rebêlo. In this regard, this may well be the time to pose the following question: as an artist who creates with words and continues to delve into the twists and turns of our immigration with inimitable curiosity and undeniable originality, is Pedro Almeida Maia moving, step by step, closer and closer to becoming the writer from the Azores of the Azorean diaspora?

The reiteration of the phrase *açorada por partir* illustrates the care and creativity Almeida Maia has in “playing” with words, resulting in a novel that is semantically rich and robust, fascinating, and challenging. Another example of this lexical dynamic is the even more recurrent reference to the motif of *o pio do milhafre* (the call of the buzzard), the sound made by this bird native to the Azores, which is the call of the islands that echoes in Rosário’s memory, as it is replicated in the memory of the narrator and of those who leave and return. It is with a final reference to *o pio do milhafre* that Pedro Almeida Maia closes this remarkable novel.

A presentation made during the International Conference-VII Congresso Internacional: A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa---Universidade de Toronto, 10-12 Maio 2023



FOTO DE ROSA MARIA NEVES SIMAS

BIBLIOGRAPHY

Almeida Maia, P. (2022). *A Escrava Açoriana: A irreverência de uma mulher em tempo de incerteza*. Lisboa: Cultura Editora.

Guerra, H., Gomes, L., Viana, M. & Simas, R. (2015). *Mineração de Texto em Humanidades*. Lisboa: Centro de História, Universidade de Lisboa. (Available at rosasimas.com)

Lepecki, M. L. (1974). “Sobre Mau Tempo no Canal” in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, (pp. 167-179). Lisboa: Bertrand.

Machado Pires, A. (2013). *Páginas sobre Açorianidade*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Editoras.

Martins Garcia, J. (1994). Introdução, *Mau Tempo no Canal*, Vol. III, Vitorino Nemésio: *Obras Completas* (pp. 7-15). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Nemésio, V. (2001). *Mau Tempo no Canal* (1ª edição 1944). Lisboa: Leya, S. A. Sociedade Portuguesa de Autores e Publicações Dom Quixote.

----- (1932). “Açorianidade” in *Ínsula*, nº 7: Julho-Agosto.

----- (1928). *O açoriano e os Açores*. Porto: Renascença Portuguesa.

Silva, H. (1985). *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio: Realidade, Poesia e Mito*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Simas, R. (2015). “Margarida no romance *Mau Tempo no Canal*: Uma abordagem feminista e ecocrítica.” (Disponível em rosasimas.com)

----- (1998). “A pérola nemesiana” in Machado Pires, A. (Coord.), *Vitorino Nemésio: Vinte anos depois* (pp.

255-262). Lisboa: Edições Cosmos. (Disponível em rosasimas.com)

Simões, J. G. (1974). “Mau Tempo no Canal” in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, (pp. 70-77). Lisboa: Bertrand.

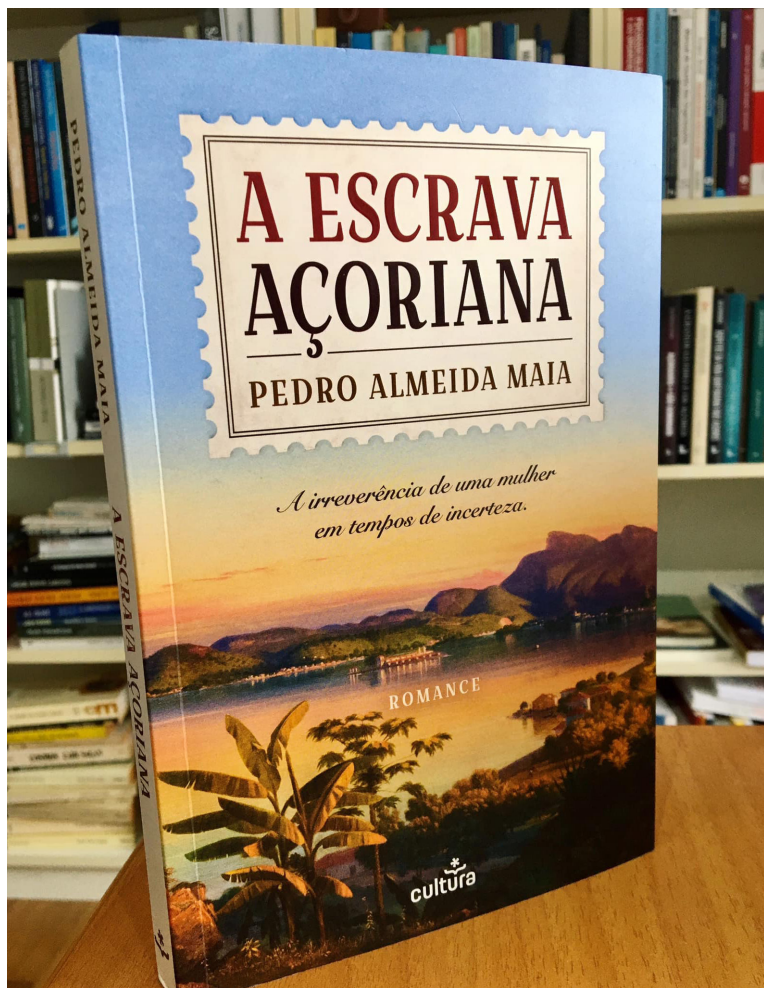


FOTO DO LIVRO "A ESCRAVA AÇORIANA"

POESIA REUNIDA DE ÁLAMO OLIVEIRA

Vitor Rui Dorez

Há poetas que têm a vida que escrevem. ÁlamO Oliveira, poeta maior com mais de 60 anos de escrita publicada, é um deles. E é autor de difícil catalogação, pois que em nenhuma estética e em nenhuma ideologia se entrenchou.

Deste terçoense acabo de ler, com genuína satisfação, **Versos de Todas as Luas** (Companhia das Ilhas, 2021), que reúne a sua poética quase toda. E desde logo se apossa de mim uma convicção: a de que este autor terçoense sempre esteve na linha da frente das preocupações da moderna poesia portuguesa.

Com efeito, as 497 páginas do referido livro são atravessadas por poemas de uma permanente e perene modernidade. Isto é, poesia de todos os tempos e de todos os lugares. Este sentido de modernidade está na maneira hábil como ÁlamO Oliveira, poeta de agudíssima sensibilidade e de apreciáveis recursos sensoriais, soube e sabe situar-se entre uma tradição literária e poética, e uma renovação dessa mesma modernidade.

Agora reunida, a poesia alamiana ganha, sem sombra de dúvida, uma outra

consistência, uma outra unidade, um novo fôlego. Trata-se de uma poesia que combate a simplificação hipócrita da vida e busca decifrar o enigma dos dias. E mergulha no lado de lá da verdade ilusória, denunciando e renunciando, agindo, reagindo, sonhando, pensando e sentindo.

De resto, há aqui uma dominante: a tendência para fazer do poema lugar de confronto – confronto traduzido na inquirição do real, que o poeta constrói e desconstrói através da palavra. Daí uma escrita transgressiva e transgressora. Que está nos seus poemas escritos em tempo de guerra (“Áfrika-Mim e Outras raízes”); no confronto das mitologias religiosa e tecnológica em “Os Quinze Misteriosos Mistérios” (há um sopro bíblico que atravessa quase toda a poesia de ÁlamO); na exaltação de um amor enquanto sentimento absoluto e no arrojado de poemas de caráter homoerótico (“Cantar o Corpo”); no contencioso social e nos olhares profundamente críticos lançados em “Textos Inocentes”; e mesmo nos poemas mais recentes (“senil/idade”, por exemplo), esse confronto está lá. Em poemas bem urdidos e carpinteados.

Aos 76 anos, o “limite de idade” ainda não chegou a este habitante do Raminho, que, na poesia e na prosa, continua a revelar uma impressionante intuição criadora.

Versos de Todas as Luas é um livro imprescindível, em tempo de pacatos costumes culturais e de generalizada resignação televisiva...

ROGÉRIO SILVA

UM PINTOR NASCIDO NO FAIAL MAS HABITANTE NOUTRO PLANETA

Onésimo Teotónio Almeida

Quem viveu na ilha Terceira na década de 60 não podia de modo nenhum não ouvir falar de Rogério Silva pois dele a comunicação social dava frequentes notícias. Era o tempo em que nos jornais havia suplementos literários e a arte a literatura andavam de braço dado. Angra não só se considerava a capital açoriana da cultura como merecia mesmo esse título.

Quem sobre o pintor mais publicava era sem dúvida o Carlos Faria, que nos porões dos navios trazia de Lisboa medicamentos de mistura com telas e poemas. Dos medicamentos, as farmácias saberão. Os poemas, esses via-os plantados no suplemento “Glacial”, de A União, onde o Karlos Faria - com K - fazia leitores jovens como eu vibrar de espanto. Volta e meia, o Karlos escrevia sobre a pintura do Rogério exaltando a nova arte que ele desbravava no arquipélago. Do Continente o Karlos trazia quadros e mais quadros. Ele e o Rogério não se cansavam de organizar exposições em Angra e ilhas adjacentes. O Rogério, pedagogo pacientemente didático, acompanhava visitas guiadas para adultos, jovens e crianças de escola. Foi assim que em Angra tivemos acesso a

trabalhos do António Palolo, Bartolomeu Cid, Artur Bual, Nadir Afonso, Costa Brites, e do próprio Rogério Silva, que beneditino se fizera apóstolo das novas formas estéticas pintando quadros com os Açores em movimento a procurar vencer o marasmo secular ilhéu – moinhos de vento de velas enfunadas, baleias astutas domadas por ainda mais astutos baleeiros, nuvens agitadas descobrindo céus e anunciando azul para um futuro breve.

O único detalhe a modificar, para não ser eufemístico, seria substituir desafios por problemas, pois a realidade está mais próxima destes do que daqueles..

Não me esqueço nunca de um dia, ao chegar pela primeira vez à Horta nos meados da década de 60, ter deparado com num mural em larga parede no interior do edifício da Empresa Insulana de Navegação - uma estilização de baleias, baleeiros e Pico. Foi um encontro inesperado pois não esperava de todo. Olhei e vi logo que teria de ser o Rogério Silva o autor, pois nessa altura já estava familiarizado com o seu estilo e temática principal. Quedei-me na contemplação dos traços dinâmicos fora do tradicional. Dava para se ver as semelhanças entre aquelas cores e motivos e as capas da revista *Gávea* que, pela mão do Rogério, Almeida Firmino e Emanuel Félix, nos anos cinquenta (criança nessa altura, eu só a conheci passados anos) tentou acordar Angra de uma letargia antiga.

Nos alvares da década de setenta, já com os costados na Nova Inglaterra, descobri-me de súbito novamente vizinho do Rogério. Aconteceu numa festa num parque em New Bedford onde os também hoje saudosos Manuel Bettencourt Silveira e Helder Braga reataram entre nós

o laço que os mares haviam desatado. O Rogério fervilhava de ideias. Fui a sua casa onde pintava uma New Bedford que, insistia o Heldo em livro de poemas (nunca publicado), um dia veria crescer rosas em novembro.

O Rogério acreditava e pintava. A escola do seu bairro, ali à Coggeshall St, os arranha-céus de azul límpido por detrás da *wasteland* de ferro-velho, imigrantes divididos e distraídos no jogo em tardes de tasca-sem-fim. Mas sempre as cores luminosas e os traços firmes apontando para futuros optimistas a emergirem do caos, ordem e tranquilidade a renascer de caixotes opressivos evocando fábricas escuras e tristes – onde ele aliás suou copiosamente.

Multiplicaram-se planos e projetos. Da editora Gávea-Chama, lugar da primeira edição do meu *Ah! Mònim* dum Corisco! saltou a ideia da revista *Gávea-Brown* que o Rogério quis muito fosse continuação do seu antigo projecto Gávea.

Integradas em eventos gerados pelo entusiasmo dos meus verdes anos, surgiram exposições da sua obra por aqui e por ali, causando admiração porque um *greenhorn* supostamente não pintaria assim – New Bedford, Brown University, Cambridge, Boston e outros lugares que só não me ponho aqui a deslindar com minúcia porque o tempo é escasso e queria passar parte dele a mostrar fotos da pintura de Rogério Silva pois isso será bem mais sugestivo e eloquente do que as minhas palavras.

O Rogério não era deste mundo e vivia na sua toca. Fui eu que me dispus a promover as exposições dos seus quadros e até a conseguir que ele fosse trabalhar na Brown University como ilustrador de material didático a ser usado nos

programas do ensino bilingue. Todavia isso são contas de outro rosário.

Espantoso de ver era a minúcia com que o Rogério preparava cada exposição até ao pormenor da maquete com reproduções em miniatura dos quadros, a caixa que ele construía para cada pintura que ele próprio emoldurava, tudo num primor de perfeição chinesa.

Entretanto, os anos foram passando. Era preciso que o Rogério deixasse de ser de um mundo que já não existia – o dos Açores que o moldaram – e palmilhasse Américas despudoradas para se fazer presente, convencer galerias a exporem os seus quadros, conhecer os meandros das bolsas ou investir dinheiro que ele não tinha, para que a sua arte fosse (re) conhecida. O Rogério chocava-se porque “a arte é arte e não se suja” – repetia ele com insistência. Pelo menos a arte do Rogério, ou tal como ele a concebia. Esquecia-se de que mesmo Miguel Ângelo, Rafael e Leonardo nada teriam feito se não fossem os mecenas – papas, cardeais e duques com a grana que paga as tintas e mata a fome ao artista. O Rogério não acreditava. Nos Açores do seu tempo, tudo fluía sem massa, embora não se esquecesse nunca do facto crucial de ter sido por um mal-entendido nessa matéria que ele próprio acabara por bater com os ossos nos States, quando um Instituto lhe pediu um trabalho como devia ser e ele despendeu a soma que achava necessária por exigências da própria arte. Chegada, porém, a conta, minguou o dinheiro porque ninguém alguma vez supusera que as coisas da arte custassem assim tanto, e o Rogério deu de repente consigo numa fábrica de New Bedford para poder pagar a dívida a prestações. E, todavia, ele sonhou sempre com o regresso porque, nos seus idílicos Açores, a Cultura, e sobretudo a Arte, escreviam-se com

maiúscula, em letra pura, quase sobrenatural. Se nos Açores o asceta Rogério vivia nas nuvens, em New Bedford viveu das nuvens. Nem eu sei bem como.

Na sua aposentação, ele e a Lusa decidiram voltar aos Açores fixando-se na Terceira, mais precisamente na sua adoptiva Angra, que chamava pátria. Já muito debilitado de saúde e com pouquíssima visão. Cruzei-me com ele uma última vez em Vila do Porto, Santa Maria. Tinha realizado o sonho do regresso a casa mas, graças ao apoio da Secretaria Regional da Educação e Cultura e do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, viajava de ilha em ilha exibindo alguns dos seus quadros e, de novo feito apóstolo da arte, ensinando nas escolas o que ela é e como se faz. Mas a desilusão estava-lhe plantada nos olhos.

Os tempos haviam mudado e também ele não reencontrara a ilha de onde em tempos partira. A seu ver, a arte estava bastante conspurcada, vendia-se e comprava-se por alto preço. Por todo o lado singrava banha de cobra a fazer fortunas, e as gentes estonteadas com a pimenta das Índias europeias, chegada de Bruxelas em chorudos pacotes, construía casas de paredes amplas a exigirem pinturas a metro. Qualquer Chico Esperto agarrava de um pincel e, logo ali, com a mão direita rabiscava umas patranhas, enquanto contava cifrões na algibeira com a esquerda.

Para culminar o desaire, a sua ideia de arte como missão esvaía-se com os tempos, a linguagem artística era outra, os rostos idem, e o Rogério sentiu-se peixe fora das suas águas familiares. Afinal também não se sentia mais da sua terra. New Bedford estava definitivamente longe, e a Lusa,

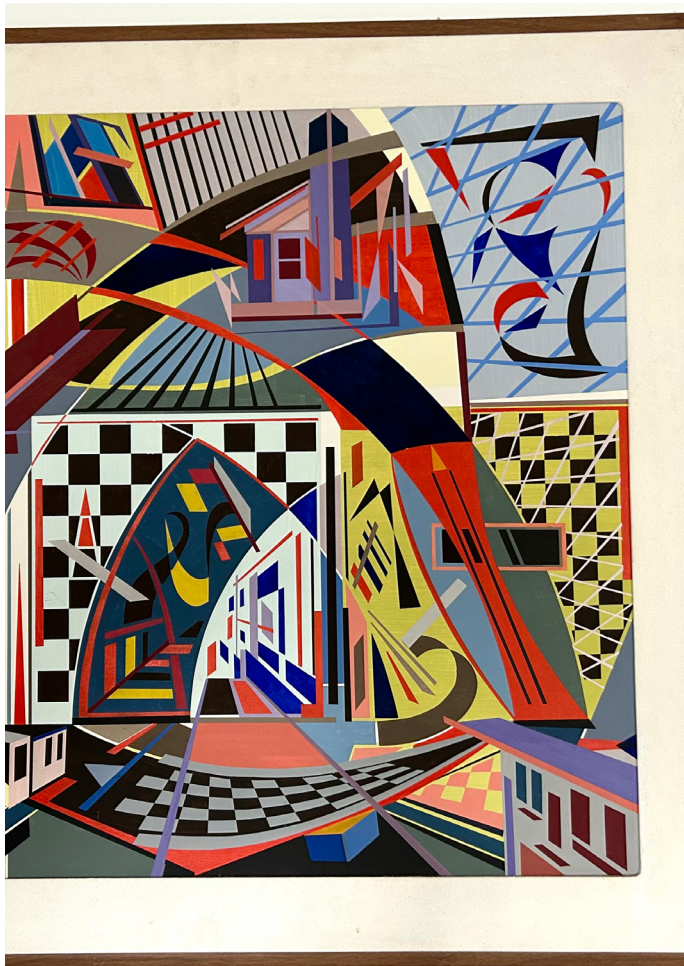
seu arrimo sólido, incondicional apoiante e dedicadíssima companheira, escondia uma doença que a levou.

Nos anos que se seguiram, o Rogério deixou de existir para o exterior, e porventura para si próprio. Enconchou e fez-se lapa na pedra da sua memória, sem nunca mais se abrir para ninguém.

Tem sido um seu indefetível amigo, o pintor Costa Brites, que viveu algum tempo na Terceira e ainda reside em Coimbra mas longe de tudo, quem mais se tem empenhado em manter viva a memória de Rogério Silva com uma página pessoal dedicada a ele, onde vai recolhendo tudo o que sobre o pintor vai reencontrando. Tenho colaborado com Costa Brites e apenas deixo aqui a ligação: **<https://costabrites.com/2014/01/12/rogerio-silva/>** para os possíveis interessados em consultá-la.

Esta exposição constitui um passo importante para se fazer justiça à obra de Rogério Silva. Um outro posterior terá de ser um empreendimento mais vasto que procure reunir o maior número possível de quadros do pintor presentemente na posse de particulares nos Açores, Portugal Continental e nos EUA (com imenso gosto eu próprio cederei os vários que gostosamente guardo em minha casa). O Rogério e a sua obra bem o merecem.

Onésimo Teotónio Almeida
Providence, Rhode Island, EUA



NESTA PÁGINA: DUAS DAS OBRAS DE ROGÉRIO SILVA
E CONVITE EXPOSIÇÃO "DO AMOR À PÁTRIA À MEMÓRIA" DE
ROGÉRIO SILVA

